



**A construção de sentidos sobre a morte:
Percepções críticas sobre o viver e o morrer em *Veja*¹**

Felipe Viero KOLINSKI MACHADO²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS

Resumo

O objetivo central do presente ensaio é refletir sobre os sentidos que se constroem sobre a morte no jornalismo. Para isso, parte-se de uma perspectiva crítica, ancorando-se em Kant (2008) e Foucault (1990), toma-se como *corpus* sete reportagens publicadas em *Veja*, as quais tinham como pauta o óbito de personalidades públicas, e tem-se em Ariès (2007) e em Elias (2001) um referencial teórico que baseia a reflexão acerca da morte e em Quéré (2005) uma possibilidade de vê-la como um acontecimento. Em linhas gerais, conclui-se que a morte tende a ser recalcada e sobrepujada por outras questões, que a sua discussão revela campos problemáticos e que, ao se propor a falar de morte, na verdade, discute-se essencialmente a vida.

Palavras-chave

Jornalismo; Morte; Crítica; Acontecimento

Introdução

Esse ensaio, ao propor perceber, a partir de uma perspectiva crítica, quais são os sentidos que se constroem acerca da morte no jornalismo – especificamente em um produto jornalístico, a revista semanal *Veja* – toma como base alguns pressupostos importantes de serem salientados. A realidade, cotidianamente vivenciada pelo homem da rua e diariamente descrita nos jornais, tida não raras vezes como constante e imutável, e percebida aqui, indo ao

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Jornalista graduado pela UFSM, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, integrante do Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo e bolsista do CNPq E-mail: felipeviero@gmail.com.



encontro das proposições de Berger e Luckmann (2009), como o resultado de um longo processo, cultural, ideológica e discursivamente elaborado e estabelecido.

É, portanto, a partir desse lugar de fala, é, então, com essas lentes, que se toma a morte não como uma constante ou como um fenômeno estritamente biológico, mas que se propõe que ela seja compreendida tendo em vista a sua dimensão social e cultural, tendo em vista o fato de que ela consiste em um acontecimento simbolicamente investido, que irrompe a superfície lisa do cotidiano (RODRIGUES, 1993) e que revela uma série de posturas próprias de determinada conformação social e de campos problemáticos (QUÉRÉ, 2005).

É, ainda, a partir desse mesmo ponto que percebemos a linguagem como produtora e como transmissora de significados, como responsável pelo desenvolvimento de uma cultura comum e pela existência desse real que é cotidianamente vivido.

O jornalismo, por sua vez, visto como campo (BOURDIEU, 1997) socialmente legitimado e outorgado para falar sobre outros campos, para dizer constantemente o quê, onde, como, por que e com quem aquilo que é relevante aconteceu e, também, como discurso e lugar de materialização de sentidos, é tomado como arena privilegiada na qual se dão os embates em torno do processo de significação que tecem o presente.

Das diferentes acepções do morrer

Baseando-se em uma perspectiva histórica, pode-se perceber como a questão da finitude da vida, da morte das pessoas próximas e do próprio morrer vem sendo concebida de diferentes maneiras ao longo de diferentes períodos. No ocidente, em específico, tal questão se torna facilmente observável quando se recorrem a registros e a documentos eclesiásticos, em muitos dos quais o assunto é abordado, ou mesmo em manifestações artísticas, tais como a arquitetura, a literatura e as artes plásticas, que permitem que, nos mais diversos contextos, as percepções daquilo que a morte representava possam ser observadas.

É nesse sentido que é pertinente retomar Philippe Ariès (2003) que, tendo como ponto de partida a Idade Média, se propõe a refletir sobre as atitudes da civilização ocidental e cristã no que tange a morte em geral e, mais especificamente, tópicos como a exposição ou a não exposição do cadáver, os tipos de sepultura e a ostentação ou a privação do luto.

A tese central defendida pelo autor, em coletânea de textos resultante de quatro conferências proferidas na *Johns Hopkins University*, consiste na ideia de que a morte, anteriormente percebida como algo natural, como um assunto cotidiano e presente na vida dos



indivíduos de alguns séculos atrás, corresponde hoje a um tema interdito, proibido, de difícil e indesejável aproximação.

Assim se morreu durante séculos ou milênios. Em um mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional diante da morte aparece como uma massa de inércia e continuidade. A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer o seu nome. Por isso chamarei aqui esta morte familiar de *morte domada*. Não quero dizer com isso que anteriormente a morte tenha sido selvagem, e que tenha deixado de sê-lo. Pelo contrário, quero dizer que hoje ela se tornou selvagem (ARIÈS, 2003, p. 32, grifo do autor).

De acordo com Ariès (2003), do período em que, contanto que confiados à igreja e enterrados em suas terras sagradas, pouco se importava o que se fazia com o corpo do defunto, passando pelo período em que os túmulos individualizados, demarcados e ostentadamente decorados tornaram-se a regra, muito mudou. Nessa mesma linha, Ariès (2003) ressalta que do momento em que era comum, e não considerado estranho, e tampouco mórbido, o contato com cadáveres ou ossadas (momento em que menciona, retomando a literatura, a presença do crânio, em *Hamlet*, e, a arquitetura, as Igrejas Medievais ornamentadas com ossos), passando pelo período no qual ataúdes eram sobrepostos por efígies (quando a exposição do corpo era substituída por uma representação desse) e chegando, por exemplo, à cremação, que simbolizaria uma preocupação com a racionalidade e uma recusa à sobrevivência, tem-se uma linha que permite visualizar muito da relação que se travava com os mortos em diferentes momentos.

Um ponto importante da obra de Ariès (2003), o qual particularmente interessa para esse trabalho, está relacionado àquilo que o historiador irá apontar como sendo uma das rupturas no que tange as acepções da morte no contexto ocidental. Em um período entre os séculos XVI e XVIII, e ressaltando que isso teria ocorrido não no mundo dos fatos reais, “mas sim no obscuro e extravagante mundo das fantasias, no mundo do imaginário” (ARIÈS, 2003, p. 62), o autor destaca a aproximação da temática da morte da questão amorosa (morte romântica, idealizada) e mesmo erótica. Mencionando a representação da morte de São Bartolomeu, que tem a pele arrancada por carrascos nus (*Michelangelo*, Capela Sistina), a escultura que ilustra o êxtase de Santa Teresa (*Bernini*, Roma), bem como a relação entre Romeu e Julieta, referente à Shakespeare e ao teatro elisabetano, a qual se desenvolve sobre o túmulo dos Capuleto, Ariès destaca que, assim como a relação sexual, desde então a morte



também tende a ser concebida como uma transgressão, como um arrebatamento inconveniente das tarefas diárias e, em termos psicanalíticos, tende a ser, assim como o sexo, recalçada.

Esse mesmo ponto é retomado por Norbert Elias (2001), que destaca o emprego do termo recalque, quando se referindo à questão da morte, em dois sentidos. O primeiro deles, individual, remete à perspectiva freudiana, aludindo, pois,

a todo um grupo de mecanismos psicológicos de defesa socialmente instilados pelos quais experiências de infância excessivamente dolorosas, sobretudo conflitos na primeira infância e a culpa e a angústia a ela associadas, bloqueiam o acesso à memória (ELIAS, 2001, p. 15-16).

Nesse primeiro plano trata-se, portanto, da relação desenvolvida entre cada sujeito e a sua morte, bem como a própria questão do medo de morrer e do sentimento de culpa aí alocado. Elias (2001) ilustra tal ponto a partir de narrativas mitológicas, demonstrando que historicamente a morte vem sendo tomada como a punição necessária à expiação dos pecados e das falhas cometidas. Conforme afirma a seguir, esses problemas de cunho individual estariam inevitavelmente entrelaçados àqueles concebidos como sociais, os quais apenas poderiam ser percebidos a partir de uma perspectiva historicista.

Em seu curso, todos os aspectos elementares e animais da vida humana, que quase sem exceção significam perigo para a vida comunitária e para o próprio indivíduo, são regulados de maneira mais equilibrada, mais inescapável e mais diferenciada que antes pelas regras sociais e também pela consciência. De acordo com as novas relações de poder, associam-se a sentimentos de vergonha, repugnância ou embaraço e, em certos casos, especialmente durante o grande impulso europeu de civilização, são banidos para os bastidores ou pelo menos removidos da vida social pública. [...] A morte é um dos grandes perigos biosociais na vida humana. Como outros aspectos animais, a morte, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador (ELIAS, 2001, p. 18-19).

Percebendo, assim, que as acepções da morte foram, progressivamente, sendo modificadas, que as suas imagens e as suas representações foram sendo substituídas umas pelas outras e compreendendo que, na contemporaneidade, o jornalismo e seu discurso podem ser tomados como espaços apropriados para que se pense o social, para que se perceba quais dizeres são legítimos e quais sentidos são coletivamente tomados como apropriados, parte-se, nesse texto, de uma perspectiva crítica para perceber como a morte é concebida pelo jornalismo.

Alors, qu'est-ce que la critique?



Em conferência proferida em maio de 1978, e posteriormente publicada na França e, então, no Brasil, Michel Foucault discute, a partir das proposições de Immanuel Kant, o que seria a crítica, uma atitude crítica e o esclarecimento a partir daí proveniente (*Aufklärung*).

Retomando e refletindo sobre a tese kantiana de que o esclarecimento consistiria na “saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado” (KANT, 2008, p. 09), em um contexto no qual percebe a menoridade como “a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (KANT, 2008, p. 09), Foucault (1990, p. 05) afirma que a crítica seria

[...] o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função a desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade.

Com o mesmo intuito de definir o que seria assumir uma postura crítica e empreender essa crítica, Foucault a aponta como correspondente a uma prática sócio-histórica, que seria assinalada pela desobjetivização da questão filosófica pelo recurso do conteúdo histórico e pela liberação dos conteúdos históricos pela interrogação sobre os efeitos de poder cuja verdade os afetaria.

Em relação ao esclarecimento (*Aufklärung*), por sua vez, Foucault (1990, p. 13-14) afirma que, mais do que a uma questão de conhecimento, ele estaria ligado a uma questão de poder. Discutindo, então, aquilo que chama de experiência de *acontecimentalização*, o autor a define como aquela que toma, de início, conjuntos de elementos onde se pode perceber conexões entre mecanismos de coerção e conteúdos de conhecimento, buscando-se, assim, não o que seria verdadeiro ou falso, mas sim “fundamentado ou não fundamentado, real ou ilusório, científico ou ideológico, legítimo ou abusivo”.

A partir daí, Foucault destaca procedimentos de caráter metodológico que levam em consideração a importância da análise do nexos saber-poder e a retomada da positividade da questão, aproximando tais procedimentos daquilo que será definido como arqueologia.

Linguagem e jornalismo

A linguagem, sendo percebida como responsável por construir “imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo” (BERGER; LUCKMANN 2009, p. 59), é encarada como um ponto fundamental nesse trabalho.



Fornecendo ao indivíduo as coordenadas necessárias para a sua inserção no meio social e para a compreensão daquilo e daqueles que o rodeiam, ela não pode ser pensada como neutra, como objetiva. Conforme lembram Berger e Luckmann (2009, p. 38) “a linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim”.

Analisado a partir da linguagem, pois, o papel desempenhado pelo jornalismo na sociedade, contribuindo ativamente para consolidação dos sentidos e para a delegação dos lugares possíveis de serem ocupados pelos sujeitos, é mais facilmente perceptível. Conforme lembra Traquina (2005, p. 19), acerca do jornalismo, pode-se dizer que ele

é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, aos livros, aos *media*, à televisão, e cobre o planeta com a divisão do mundo em local regional, nacional (onde está essencialmente a política do país) e internacional.

Apesar de não poder mais ser explicada mediante o mito da objetividade ou a partir da teoria do espelho, ainda mantém resquícios dessas teses. De acordo com Bucci (2003, p. 11) “o jornalismo ainda crê e faz crer no relato positivista”, referindo-se a tese de que, como prática, buscaria a narração neutra e desinteressada dos fatos, da realidade pura e simples, despida de interesses e de disputas. Perceber isso como um equívoco e como uma falácia não significa, entretanto, tomar o jornalismo como uma mentira.

Os fatos acontecem, no instante em que acontecem, já como relatos. Ou, se quisermos, como elementos discursivos. Um fato ambiciona a condição de relato – pois só o relato dará a ele, mero fato, um sentido narrativo. Não há, portanto, fato jornalístico sem o relato jornalístico. O que pretendo dizer, enfim, é que o relato jornalístico ordena e, por definição, constitui a realidade que ele mesmo apresenta como sendo feita de fatos (BUCCI, 2005, p.09).

Sendo, independente disso, conforme mencionado, um campo que pode circular pelos demais campos, delimitando e definindo sentidos, uma vez que possui na credibilidade o seu capital (BERGER, 2003), o jornalismo possui um poder que lhe é inerente e inegável. Sobre os *media* em geral, embora também sobre o jornalismo, Gomes (2003, p. 77) destaca que “enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira de mostrar, enquanto mostra ela controla pelo próprio mostrar”.



Do mesmo modo, é possível retomar as proposições de Gomis (1991), que ao ressaltar a relação entre a produção de notícias e a organização e o desenvolvimento da sociedade, discute o papel dos *media* no sentido de fornecerem aquilo que ele chama de presente social de referência. “Más aún, gracias a los medios percibimos la realidad no con la fugacidad de un instante aquí mismo, sino como un período consistente y objetivado, como algo que es posible percibir y comentar, como una referencia general” (GOMIS, 1991, p.14).

Das mortes lembradas por *Veja*...

Com o intuito de percebermos de que maneira a questão da morte é encarada pelo jornalismo, optamos por selecionar, como *corpus* a ser analisado, algumas reportagens referentes a importantes mortes ocorridas recentemente (décadas de noventa, dois mil e dois mil e dez) publicadas na Revista semanal *Veja*.

A escolha pela publicação deve-se, principalmente, ao fato dela constituir-se como a principal revista de caráter impresso, semanal e de tom informativo do país. De acordo com dados do Índice Verificador de Circulação (IVC), presentes no site da Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER), *Veja* possui uma tiragem semanal que ultrapassa um milhão de exemplares³. Aliado a isso, consolidada no mercado editorial brasileiro desde a década de sessenta, possui ampla credibilidade, constituindo-se, apesar das mais variadas críticas que recebe, como uma referência para leitores e para outros veículos de comunicação social.

As mortes escolhidas, as quais pautaram as reportagens, foram de personalidades públicas de grande relevância nacional e/ou internacional, de modo que todas foram capa das edições das quais faziam parte, merecendo destaque também pela quantidade de páginas que ocupavam no número em questão (em geral, mais de oito). Com o intuito de desenvolver percepções mais abrangentes, selecionamos sete textos (compreendendo por texto cada uma dessas reportagens) e proporemos uma análise mais abstrata, não ficando retida a cada produção em específico.

O primeiro texto que integra a análise (T01) corresponde à série de reportagens *A tragédia que dobrou o Brasil*, publicado na edição de onze de maio de mil novecentos e noventa e quatro. Trata da morte do piloto de fórmula 1, ídolo nacional à época, Ayrton Senna. Discute o acidente automobilístico do qual o piloto foi vítima e, para além disso,

³ Informações disponíveis em : <http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>. Acesso em 10/05/2012



questões como a importância daquela figura para o Brasil, sua herança e sua relação com a família e com a namorada (e ex-namoradas).

A morte no auge (T02), de dois de março de mil novecentos e noventa e seis, trata do acidente aéreo que vitimou os integrantes da banda brasileira de grande sucesso no momento, *Mamonas Assassinas*. A segurança aérea e a morte no ápice da carreira e da vida (juventude) são pontos centrais.

Nos braços do povo (T03), de dez de setembro de mil novecentos e noventa e sete, trata da morte da Princesa Diana de Gales. Mais do que o óbito, em um acidente automobilístico ocorrido em Paris, a reportagem abarca questões como moralidade (uma vez que a princesa estava separada do príncipe Charles e estava com o namorado no momento do acidente) e política (imagem do família real e dos sistema monárquico inglês).

Um adeus com dor (T04), de seis de abril de dois mil e cinco, trata da morte do Papa João Paulo II. Ao abordar o falecimento de uma figura religiosa e política de grande carisma, *Veja* discute, principalmente, a questão da morte na velhice, do sofrimento final e do sacrifício cristão.

Uma lenda envolta em mistério, dentro de um enigma (T05), de primeiro de julho de dois mil e nove, traz como tema a morte de Michael Jackson, ídolo da *pop music* e ícone da cultura do século XX, abordando questões morais e psicológicas da vida do astro (sexualidade, aparência física).

A estrela ardente (T06), de trinta de março de dois mil e onze, trata da morte da estrela de Hollywood Elizabeth Taylor. A reportagem é restrita à vida da atriz, em especial a sua carreira e aos seus casamentos.

O mundo depois de Bin Laden (T07), de onze de maio de dois mil e onze, parte do falecimento do terrorista responsável pelos atentados de onze de setembro de dois mil e um para discutir questões como as ações contra o terrorismo e o preconceito em relação ao Islamismo.

... E daquilo que se percebe nelas

Torna-se importante salientar, é claro, que cada um desses sete textos, por tratarem de diferentes mortes, de diferentes pessoas, e também por terem sido produzidos em diferentes períodos, possuem muitas especificidades. Do mesmo modo, por outro lado, existem alguns pontos comuns, questões que, apesar de todas essas singularidades, são



convergentes, nos motivando a refletir sobre a construção de sentidos sobre a morte de um modo mais plural e menos restritivo.

A partir da análise aqui empreendida, pode-se perceber que tanto para falar da morte da banda juvenil de maior sucesso no momento quanto para falar da morte do sumo pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana, discutem-se mais as vidas desses indivíduos do que os seus óbitos propriamente ditos. Travando um contato com esses textos, foi possível averiguar que, embora seja a motivação para o desenvolvimento da reportagem, seja a razão da pauta, em termos mais profissionais, a morte em si pouco aparece sendo que, ao aparecer, é sobreposta, por exemplo, por homenagens póstumas ou mensagens que a partir dela podem ser apreendidas.

Com isso não se quer dizer que o choque fulminante no circuito de Imola, que vitimou Senna, ou que a insuficiência cardíaca que culminou na morte de Liz Taylor não sejam mencionados. O que se quer ressaltar, por se considerar que diz muito da atitude da sociedade e, por conseguinte, da atitude do jornalismo em relação ao morrer, é que tais pontos não se configuram como o assunto central quando, na realidade, são justamente os assuntos que justificariam, em termos de critérios de noticiabilidade, por exemplo, que aquela questão ali estivesse sendo discutida. Trechos desses textos exemplificam isso mais claramente.

Luciana de Azevedo, 15 anos, Claudelice Porto, 19, e Luciana De Luca, 16, são estudantes da periferia de São Paulo. Na quarta-feira passada acordaram às 5 horas da manhã, fizeram sanduíches e pegaram o ônibus até o centro da cidade. De lá, andaram duas horas até a Assembléia Legislativa. Chegaram às 8 e meia da manhã e entraram na fila. Só dez horas depois conseguiram o seu objetivo: ficar uns poucos segundos na frente do caixão de Ayrton Senna. Por quê? “Senna era a única coisa boa do Brasil”, responde Luciana De Luca (O povo presta sua homenagem. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 26, Ed. 1339, 1994, p. 14). (T01)

O terceiro pontificado mais longo de todos os tempos chegou a seu término com uma exposição pública de dor jamais vista na história da Igreja Católica. Houve um sentido nisso. Paralisado e silenciado pela doença de Parkinson, João Paulo II transubstanciou seu calvário particular numa mensagem universal: a de que não existe redenção sem sofrimento. É a mensagem ao mesmo tempo bela e terrível sobre a qual, afinal de contas, se alicerça o cristianismo. Como forma de recuperá-la, numa era marcada pelo hedonismo, João Paulo II carregou sua cruz diante dos olhos do mundo. Pode-se não concordar com tudo que o papa polonês pregou e defendeu. Mas é impossível não admirá-lo pela sua coragem na saúde e na doença. Na vida e na morte (Um adeus com dor. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 37, Ed. 1899, 2005, p. 89). (T04)

Bin Laden tinha uma conta alta a pagar. Meia década exercitando o assassinato em massa, principalmente na África e no Oriente Médio,



culminou no seqüestro de quatro aviões usados nos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que mataram 3000 pessoas de 54 nacionalidades e das principais religiões – inclusive mulçumanos, os quais sua franquia do terror, a Al Qaeda, diz representar (O mundo depois de Bin Laden. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 43, Ed. 2216, 2011, p. 86). (T07)

Dessa maneira, indo ao encontro das perspectivas de Ariès (2003) de Elias (2001), aqui já expostas, a partir das quais se pode perceber a morte como um assunto contemporaneamente apagado e recalcado, e tendo percebido, a partir das produções jornalísticas aqui analisadas, que a morte em si tende a ser substituída por assuntos da vida das personagens a elas relacionadas, acredita-se que as contribuições de Louis Quéré (2005), acerca do fato, do sentido e da dualidade do acontecimento são pertinentes de serem recuperadas.

Do ponto de vista do entendimento, que privilegia a “contemplação”, o acontecimento é um facto ocorrido no mundo, susceptível de ser explicado como um encadeamento – ele é “um fim onde culmina tudo que o precedeu”- e inscrito num contexto causal. Do ponto de vista da acção, em que é necessário “aceitar o irrevogável e reconciliar-se com o inevitável”, o acontecimento é um fenômeno de ordem hermenêutica: por um lado ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação. Pode assim revelar uma situação problemática que aguarda resolução, ou descobrir “uma paisagem inesperada de acções, de paixões e de novas potencialidades [...]” (Arendt, 1980, p.76) (QUÉRÉ, 2005, p. 60).

É com base naquilo que vem sendo desenvolvido até esse ponto do trabalho, e na tese de Quéré, recém exposta, que se acredita que a morte possa ser pensada como esse acontecimento, como esse fenômeno de ordem hermenêutica e que, para além de si próprio, possui um poder de revelação. No discurso jornalístico, em específico naquele presente dos textos que estão sendo analisados aqui, a morte diz muito para além de si mesma. É a partir dela que são revelados campos problemáticos tais como a relação entre juventude e velhice, a moralidade e a lucidez, conforme é possível perceber a seguir.

Domingo, dia seguinte ao desastre. Aqueles cinco meninos, aparecendo a reaparecendo nos programas de TV que os lembravam, não podiam, meu Deus, ter morrido tão cedo. Tão despreziosos, tão infantis e simpáticos, como puderam terminar daquele jeito estúpido, num desastre de avião. Os gregos antigos diziam que os que morrem jovens são amados pelos deuses. Os Mamonas, que em vida já eram amados pelas crianças e na morte foram ver como estava sua popularidade com os deuses, conseguiram na semana passada o milagre de uma audiência extra de milhões de fãs maiores de 18. Essa platéia incluía até gente de cabelos brancos, que precisou enxugar uma lágrima discreta ao ouvir nas homenagens da televisão versos que no dia anterior não fariam o menor sentido: Mina, teu cabelo é da hora, teu corpão é



um violão, meu docinho de coco, tá me deixando looooouco (A injustiça da morte no auge. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 28, Ed. 1435, 1996, p. 96-97). (T02).

É difícil saber pelo que Elizabeth Taylor foi mais famosa. Se pelos olhos amendoados, que em seu violeta intenso, eram o destaque de uma beleza arrebatadora. Se pela doçura que fez dela a maior estrela infantil da década de 40, ou se pela sensualidade explosiva em que, adulta, procurou mais e mais em seus papéis. Se pelos excessos de sua era balzaquiana e pelas excentricidades da maturidade, ou se pelos inacreditáveis oito casamentos – em particular os dois com Richard Burton, que entre os anos 60 e 70 garantiram fofoca em fartura aos interessados nessa atividade (A estrela ardente. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 43, Ed. 2210, 2011, p. 94). (T06)

Nesses trechos, dos textos referentes às mortes dos integrantes da banda *Mamonas Assassinas* e da atriz Elizabeth Taylor, um ponto em específico chama a atenção, um campo problemático comum que sutilmente é revelado. O texto, que se propõe a abordar a morte dos músicos, destaca principalmente a incongruência e a injustiça da morte no auge da vida, da morte na juventude.

Ao falar sobre o falecimento de Liz Taylor, por sua vez, confere-se um destaque muito maior à Liz dos anos cinquenta, sessenta do que aquela que vem posteriormente. Intrigante é, inclusive, o fato de todas as fotografias que ilustram a matéria, com exceção de uma, na década de noventa, mostrarem Elizabeth Taylor jovem, como se a estrela que ultrapassou o século XX, envelhecendo pois, não precisasse, e não devesse, ser lembrada.

Ao falar dos óbitos da Princesa Diana e do músico Michael Jackson, por outro lado, *Veja* confere destaque a outros aspectos, discutindo, a partir dessas mortes, questões políticas e morais, respectivamente.

Ela era uma moça de ambições simples. Queria casar e ser feliz. Ambições tão simples, tão semelhantes às de tantas outras jovens. Tão impossíveis. Ela se casou com o futuro rei da Inglaterra e foi formidavelmente infeliz. Mas entre o momento em que foi apresentada ao mundo, como a professorinha de olhar feaciro, e as horas de luto em que seu caixão seguiu pelas ruas de Londres, Diana conseguiu o que nem a mais ambiciosa das mulheres ousaria sonhar. [...] Morta, ela atingiu o ápice de um processo, deflagrado involuntariamente, de ousar mostrar os seus sentimentos em público, e vergou as regras da monarquia. Quando sua ex-sogra, a rainha da Inglaterra, apareceu na televisão na sexta-feira, um dia antes do enterro, para fazer um pouco confortável discurso em homenagem “àquela pessoa excepcional”, ninguém tece dúvida. A princesa morta era mais poderosa do que a rainha viva (Nos braços do povo. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 29, Ed. 1512, 1997, p. 34). (T03)

Quanto mais estranho parecia, mais Michael Jackson queria provar que era um homem normal. Sua primeira namorada “seria” foi Brooke Shields, ela



também artista precoce, conhecedora dos sofrimentos intensos e fantásticos prazeres que ele vivia. No intervalo de décadas entre Brooke seu próximo, digamos, romance Michael Jackson cultivou a amizade de duas mulheres mais velhas: a cantora Diana Ross, com quem trabalhou no filme *The Wiz* e com quem por certo tempo tentou ficar parecido, e a atriz Elizabeth Taylor, uma alma gêmea temperamental, gastadora e maluquete (Uma lenda envolta em mistério, dentro de um enigma. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 41, Ed. 2119, 2009, p. 108). (T05)

Para além dos claros juízos de valor, proclamados como se fossem inquestionáveis, o que se pode perceber nesses dois últimos trechos, bem como nos demais que aqui foram empregados para ilustrarem os textos dos quais fazem parte, é que a morte, assim como sugerido por Ariès e por Elias, tende a ser banida, escondida.

Partindo de uma perspectiva crítica, pode-se afirmar, tendo como referenciais os textos analisados, que, mesmo precisando ser exposta, a morte tende a ser sobrepujada por outras questões. Ora, a morte de princesas, de papas, de artistas e de esportistas não pode ser um assunto silenciado. São mortes de personalidades públicas, as quais precisam ser assinaladas, destacadas. Compreende-se que, apesar disso, o que ocorre é que a discussão da morte cede espaço à discussão da vida e, em especial, de como as vidas em questão eram vividas.

Tendo como espaço de observação o jornalismo, e como *corpus* um conjunto de reportagens da principal revista informativa do país, foi possível perceber, ainda, retomando agora Quéré (2005), que a morte como acontecimento revela, quando discursivizada, sentidos outros que muitas vezes tornam-se centrais. A exposição desses campos problemáticos, portanto, também se configura como uma das conclusões centrais desse ensaio.

Mesmo sabendo que se trata de um movimento inicial sobre a questão, acredita-se que o presente trabalho, que se pretende crítico, em um sentido daquele empregado por Foucault (1990), torna-se válido pelas perguntas que expõem, pelas respostas que traz e também por aquelas que deixa em aberto, suscitando, pois, futuras reflexões.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro; 2003.

BERGER, Christa. *Campos em Confronto: a terra e o texto*. 2 ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 2003



BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 31. ed. Petrópolis, Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUCCI, Eugênio. Introdução: *O senhor orientador*. In: GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo. Hacker Editores. Edusp, 2003.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. *O que é a crítica?* [Crítica e Aufklärung]. Bulletin de la Société Française de Philosophie, 82, 2 (avr-juin.), 35-63, (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Gabriela Lafeté Borges (trad.), Wanderson Flor do Nascimento (revisão). 1990. Disponível em: <www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>. Acesso em 08/12/11

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo. Hacker Editores. Edusp, 2003.

GOMIS, Lorenzo. *Teoría del periodismo: Cómo se forma el presente*. Barcelona, Paidós, 1991.b

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta o que é iluminismo*. In: Kant, Immanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa, Edições 70, 2008.

QUÈRÈ, Louis. *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*. In: Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n 6, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *O acontecimento*. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa. Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2. ed, 2005.

Revistas Analisadas

Veja. São Paulo: Editora Abril, ano 26, Ed. 1339, 1994.

Veja. São Paulo: Editora Abril, ano 28, Ed. 1435, 1996.

Veja. São Paulo: Editora Abril, ano 29, Ed. 1512, 1997.

Veja. São Paulo: Editora Abril, ano 37, Ed. 1899, 2005.

Veja. São Paulo: Editora Abril, ano 41, Ed. 2119, 2009.

Veja. São Paulo: Editora Abril, ano 43, Ed. 2210, 2011.



Veja. São Paulo: Editora Abril, ano 43, Ed. 2216, 2011.